

A educação e as relações (inter)geracionais: a necessidade de um novo pacto social

Eduardo Duque

*Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Católica
e membro do CECS-UMinho*

José Durán Vázquez

Universidade de Vigo

Resumo

Nas sociedades contemporâneas, o tempo presente está repleto de sinais de descontinuidade, são sinais paradoxais; por um lado, exprime-se a satisfação com a vida, a plenitude de felicidade, por outro, encontra-se a crise e a inexorável deterioração que ela acarreta.

Não se pode esquecer que as sociedades modernas foram organizadas e estruturadas amplamente em torno dos universos da educação, trabalho e consumo. Através destes universos, formaram-se não somente as diferentes posições sociais, mas também as respetivas biografias dos indivíduos.

Porém, a partir da década de 70 do século passado, a esfera educativa e laboral começou a mostrar uma menor capacidade para atribuir posições sociais e de construir as diferentes biografias dos indivíduos (Beck, 2006). Ao mesmo tempo, o universo do consumo ganhou um maior protagonismo, modificando as atitudes e os valores dos indivíduos em relação às outras duas esferas, trabalho e educação. Simultaneamente, alterou-se também a orientação temporal dos jovens, tornando-se esta cada vez mais presentista. Neste texto, procura-se ilustrar este processo através da análise de três gerações de jovens espanhóis e portugueses, nascidos nas décadas de 1935/1945, 1955/1965 e 1975/1985.

1. Objetivos, questões teóricas e metodológicas

Antes de entrar na análise a que nos propomos³, será necessário primeiro esclarecer e definir os conceitos que nela estão envolvidos, desde logo o que se entende por *jovens*.

Podemos considerar jovens todas as pessoas que saíram da infância sem entrar, todavia, na vida adulta (Becci e Julia, 1998; Lévi e Schmitt, 1996). A maior ou menor duração da juventude será, portanto, condicionada pela incorporação precoce ou tardia dos jovens nos universos institucionais característicos do mundo adulto. Portanto, a identidade juvenil seria construída a partir de experiências sociais que compõem um contexto comum de histórias compartilhadas por cada geração de jovens (Margulis e Urresti, 1996: 26). Histórias que, no caso das gerações que nos dizem respeito, serão construídas

³ O texto que aqui se apresenta integra um estudo mais amplo sobre as gerações que os mesmos autores têm vindo a desenvolver ao longo dos últimos anos, e que tem sido publicado tanto em livros, como em revistas de referência internacional. Entre estas publicações, destacam-se os seguintes títulos: “Culturas y generaciones. Actitudes y valores hacia la educación, el trabajo y el consumo en tres generaciones de jóvenes españoles”, “Trayectorias y actitudes generacionales. Temporalidades y actitudes ante la educación, el trabajo y el consumo de tres generaciones de jóvenes españoles y portugueses” e “Formas de ver y de construir la juventud” in “Las transformaciones de la educación. De la tradición a la modernidad hasta la incertidumbre actual”.

a partir dos seus modos de incorporação nos campos do *trabalho*, da *educação* e do *consumo*. É assim que os membros de cada geração elaboram uma determinada memória, ligada a uma série de atitudes e valores e, portanto, também expectativas.

O outro grande conceito que estrutura esta análise é o de *geração*. Para além da localização no mesmo intervalo de tempo, os membros de uma mesma geração compartilham diversas experiências, atitudes e valores vinculados aos campos analisados neste estudo, os do trabalho, do consumo e da educação. Todas estas experiências, atitudes e valores serão mais ou menos sólidos de acordo com a capacidade de estruturar a vida social e individual dos membros de cada geração (Martín Serrano, 1994: 18; Leccardi & Feixa, 2011: 17 ss).

Agora bem, a juventude não pode ser percebida apenas como uma categoria de idade. Ela está atravessada também por outros condicionantes que determinam o que significa ser jovem e, entre eles, destaca-se particularmente o referente à classe social (Martín Criado, 1998: 67 e segs.). No entanto, apesar das influências de classe que determinam o que significa ser jovem em cada geração, acreditamos por isso não se sobrepõe às outras determinantes e, em particular, àquelas que identificam os jovens por pertencerem a uma determinada geração (Elzo, 1999: 404- 405).

Tendo em atenção o que até agora se referiu, neste texto procura-se analisar o peso das diferentes experiências geracionais dos jovens, a partir de três gerações: a dos nascidos na década de 1935/1945, fundamentalmente ligada à ética do trabalho; a de 1955/1965, em que o consumo - não obstante assumir um papel de maior preponderância -, não relativiza a relação dos jovens com as esferas da educação e do trabalho; e, por fim, a nascida na década 1975/1985 em que o consumo assume verdadeiramente o protagonismo, desgastando a identidade juvenil em relação às esferas da educação e do trabalho.

Tudo isto será analisado, como já foi dito, em Espanha e em Portugal. Ora, enquanto no primeiro caso tivemos uma longa série de relatórios e estudos sobre a juventude publicados desde a década de 60 do século passado (De Miguel, 2000: 15), em Portugal não existe esta riqueza bibliográfica e estatística, para além do estudo sobre a juventude universitária portuguesa de Nunes (1968). Só na década de 1980 é que as análises sociológicas sobre a juventude portuguesa passam a ser publicadas com maior regularidade (veja-se, a este propósito, Guerreiro e Abrantes, 2003: 241).

Mesmo com todas estas limitações, consideramos que valeu a pena analisar a mudança geracional, comparando as trajetórias nos nossos dois países vizinhos ibéricos.

2. Trajetórias geracionais

2.1. Geração 1935-1945

Os jovens desta geração são os menos identificados com o seu grupo de pares e mais com os percursos biográficos dos adultos, sobretudo ligados à família e ao mundo do trabalho (De Lora, 1965: 63 e segs., 119 e segs.).

São os jovens com menos escolaridade, particularmente, com estudos secundários e universitários (De Lora, 1965: 57-58; Beltran, 1984: 24; De Miguel, 2000: 44 ss.). No entanto, a *educação* é percebida como um instrumento de mobilidade social, sobretudo, dos filhos dos trabalhadores e, também, de prestígio, em função da valorização que ainda se tinha pela alta cultura (INE, 1960; De Lora, 1965: 174; Nunes, 1968: 327; De Miguel, 2000: 64).

Como já se mencionou, o *trabalho* era, por sua vez, o principal universo que articulava as aspirações dos jovens desta geração (De Lora, 1965: 59-60; Rocha: 1977: 595; Muñoz Carrión, 1994: 216). Por isso, a dimensão do consumo não ocupava grande relevância, sendo apenas percebido como o descanso e a necessária diversão para distrair um pouco das angústias e das tristezas da vida (De Lora, 1965: 65; Alonso & Conde, 1994: 155; Velarde, 1994: 107; Pais, 1996; De Miguel, 2000: 36 e 63-64).

Por esta razão, a orientação dos membros desta geração é ainda sacrificial. Com efeito, trata-se de superar as agruras do passado com a expectativa de um futuro melhor (De Miguel, 2000: 258; Muñoz Carrión, 1994: 207-208 e 213-214).

2.2. Geração 1955-1965

É a primeira geração de jovens, mais especificamente os nascidos nos anos 60, em que coexistem as esferas da educação, do trabalho e do consumo, num momento de transição entre a sociedade industrial e a pós-industrial.

No que se refere ao âmbito *escolar*, estes jovens coincidem com a massificação da educação, que despontou em meados da década de 1980 no caso da Espanha (Beltrán, 1984) e da década de 1990 em Portugal (Ferreira, 1993). É uma geração ainda com atitudes meritocráticas, que são partilhadas sobretudo pelos filhos das classes médias, porque, entre os jovens das classes mais desfavorecidas, a opção é o abandono prematuro do mundo escolar em favor do mundo do trabalho (Beltrán, 1984: 200-201; Schmidt, 1990; Martín Escudero, 1994).

Paralelamente à massificação da educação, com o conseqüente adiamento da incorporação dos jovens no mundo do trabalho, observa-se uma erosão progressiva dos *valores do trabalho*, especialmente, daqueles mais relacionados com a sua dimensão social e moral (Beltrán, 1984: 25 e ss; Andrés Orizo, 1989: 196; 1995: 99; De Miguel, 1992: 589-590; González Blasco, 1994: 41). Ao mesmo tempo, ganham peso os valores mais instrumentais, em virtude dos quais o trabalho é valorizado pela estabilidade e pelos recursos económicos que proporcionam para investir em outras esferas da vida, como no lazer e no consumo, nos quais se espera um maior reconhecimento (Andrés Orizo, 1983: 262-265). Em Portugal, este processo de instrumentalização do trabalho é, no entanto, mais tardio, não sendo percebido até aos anos 90 (Ferreira, 1993).

À medida que o trabalho perde a centralidade, a esfera do consumo vai-a conquistando. Assim, em Espanha observa-se que, a partir de meados da década de 1980, a cultura do consumo adquire um maior peso entre os jovens (Andrés Orizo, 1983: 286). Este processo é paralelo ao vivido em Portugal, embora aqui um pouco mais tarde, nos finais da década de 80 (Ferreira, 1993; Schmidt, 1990; ICS, 1987; Pais, 1989; Andrade, 1989).

Toda esta situação coincide com uma nova forma de conceber o tempo, que se observa a partir dos anos 80. A partir desta data, a maioria dos jovens espanhóis concorda com a afirmação de que “o futuro é tão incerto que é melhor viver o dia a dia” (Muñoz Carrión, 1994: 213-214). Percentagem que vai aumentando com o decorrer da década (Andrés Orizo, 1985: 54; 1995: 15; De Miguel, 2000: 258). Embora saibamos que a situação aqui em Portugal não seja muito diferente da de Espanha, não temos dados suficientes para o sustentar.

2.3. Geração 1975-1985

Esta é uma geração já plenamente socializada nos valores do consumo, o que vai influenciar fortemente a atitude dos membros desta geração em relação às outras duas dimensões, a da educação e do trabalho.

Relativamente à dimensão da *educação*, observa-se, entre os jovens, a perda da sua importância no que se refere aos seus aspetos meritocráticos, colocando-se atrás do lazer e do tempo livre (González-Anleo Sánchez, 2006: 115-116; 2010: 14-15; Funes, 2008: 23). A educação é valorizada, sobretudo, de forma instrumental, como forma de relacionamento com os pares ou pelo título académico que pode proporcionar (González-Anleo, 1999: 163 e ss; Cabral & Pais, 1998).

Precisamente em virtude do auge da cultura do consumo e da crescente dificuldade de inserção laboral dos jovens, verifica-se um progressivo declínio da centralidade do trabalho (Veira & Muñoz Goy, 2004: 56; Conde, 1999: 26 e ss; Alves, 1998; Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998; Capucha, 1998), que, como referimos, já se vinha a anunciar na geração anterior. O *trabalho* torna-se, assim, cada

vez mais, uma atividade instrumental e hedonista, conectado com valores individualistas e expressivos, que promovem o consumo (Funes, 2008: 27).

O *consumo* é precisamente a principal fonte de identidade dos jovens desta geração. De aí que, nos inquéritos do final da década dos anos 90 e início do novo século, os jovens começaram a definir-se a si próprios como consumidores (CIS, 1997; González-Anleo, 1999: 177; Conde, 1999: 86; González Blasco, 1999: 252; Elzo, 2006: 75; López Ruíz, 2006: 345 e ss; González-Anleo Sánchez, 2010: 104). Neste contexto, verifica-se uma separação crescente entre os tempos e os espaços de lazer e consumo e os que se dedicam ao trabalho e à educação. Assim, enquanto os primeiros são mais festivos, consumidores e relacionais, os últimos são mais rotineiros, racionais e normativos (Pappámikail, 2011: 219-220 e 2005: 45; González-Anleo Sánchez, 2010: 23; Funes, 2008: 139; Nilsen, 1998; Ferreira, 1993). Tudo isto se repercute também no prolongamento da juventude, que deixa de ser uma transição para se tornar uma verdadeira meta de vida (Almeida et al., 1998).

Assim, os membros desta geração estão temporalmente orientados para o presente (González Blasco, 1999: 251; Elzo, 2006: 75; González-Anleo Sánchez, 2010: 104; Muñoz Carrión, 2010: 72-73). Uma clara maioria dos jovens revê-se no princípio de que “o futuro é tão incerto que o melhor a fazer é viver o dia a dia” (Muñoz Carrión, 2010: 72-73). “Viver o presente”, sem preferir “pensar a longo prazo” (Pappákamail, 2005: 52), foram, com efeito, as respostas mais frequentes, dado que o futuro deixa de ser algo planeado, para se tornar numa espécie de presente fictício do qual “a incerteza e a imprevisibilidade do presente são banidas”, dadas as suas múltiplas possibilidades (Pais, 2003: 123 e ss.).

Conclusões

Neste artigo abordamos a análise de três gerações de jovens espanhóis e portugueses, do ponto de vista dos seus valores e atitudes em relação ao trabalho, à educação e ao consumo. Analisou-se também a forma como estas dimensões influenciam as experiências e as representações do tempo.

A primeira geração (1935/1945) é a que mais valoriza a educação e o trabalho, no que se refere à orientação para a sua realização e estatuto vinculados à reprodução ou mobilidade social. É também uma geração materialista e futurista.

A segunda geração (1955-1965) partilha a orientação das dimensões do trabalho, da educação e do consumo num processo que poderíamos dizer de transição dos valores materialistas para os pós-materialistas (Inglehart, 1990). À medida que nos adentramos nos anos 80, os valores do consumo e as atitudes presentistas tornam-se cada vez mais importantes.

Estes valores adquirem justamente um grande protagonismo na geração seguinte (1975-1985), os quais vão desgastando progressivamente os valores da educação e do trabalho que se tornam mais instrumentais, hedonísticos e expressivos.

Todo este processo faz com que a incorporação dos jovens no mundo adulto seja mais lenta, bem como a separação entre as esferas do trabalho e da educação, agora mais rotineiras e padronizadas, e as do consumo, mais hedonistas e expressivas. O que implica também atitudes e valores mais orientados para a libertação do que para a integração. Este processo não é alheio à separação cada vez mais visível das gerações, o que ameaça em certa medida a continuidade das sociedades (Durán & Duque, 2019; Durán, 2021).

Referências bibliográficas

Almeida, A. N., Guerreiro, M., Lobo, C., Torres, A., & Wall, K. (1998). Relações familiares: mudança e diversidade. In J. M. Leite Viegas & A. Firmino da Costa (coords.). Portugal, que Modernidade? (pp. 45-78). Oeiras: Celta Editora.

- Alonso, L. E. & Conde, F. (1994). *La Historia del Consumo en España. Una Aproximación a sus orígenes y primer desarrollo*. Madrid: Debate.
- Alves, N. (1998). Escola e trabalho: atitudes, projectos e trajetórias. In M. Villaverde Cabral & J. Machado Pais (orgs.). *Jovens Portugueses de Hoje* (pp. 53-133). Oeiras: Celta Editora.
- Andrade, M. (1989). *A Juventude Portuguesa. Situações, Problemas e aspirações. O Trabalho, o Emprego, a Profissão*. Vol III, Lisboa: ICS.
- Andrés Orizo, F. (1989). *Fuerza de personalidad y liderazgo*. In P. González Blasco (dir.). *Jóvenes Españoles 89* (pp. 145-205). Madrid: Fundación SM.
- Andrés Orizo, F. (1985). Estructuras básicas de la población juvenil. In F. Andrés Orizo (coord.). *Juventud Española 1984* (pp. 29-57). Madrid: Fundación SM.
- Andrés Orizo, F. (1983). *España, entre la Apatía y el Cambio Social*. Madrid, Mapfre.
- Becci, E., & Julia, D. (1998). *Histoire de l'Enfance en Occident, de l'Antiquité au XVII Siècle*. Paris: Editions du Seuil.
- Beck, U. (2006). *La sociedad del riesgo*. Barcelona: Paidós.
- Beltrán Villalba, M. (coord.). (1984). *Informe Sociológico sobre la Juventud Española, 1960/82*. Madrid: Fundación SM.
- Cabral, M.V. & Machado Pais, J. (orgs.). *Jovens Portugueses de Hoje*. Oeiras: Celta Editora.
- Capucha, L. (1998). Pobreza, exclusão social e marginalidades. In J.L. Viegas. & A. Firmino da Costa (orgs.). *Portugal, que Modernidade?* (pp. 209-242). Oeiras: Celta Editora.
- CIS (1997). *Juventud y Entorno Familiar*. Madrid: Injuve.
- Conde, F. (1999). *Los Hijos de la Desregulación. Jóvenes, Usos y Abusos en los consumos de drogas*. Madrid: CREFAT.
- De Lora, C. (1965). *Juventud Española Actual*. Madrid: Ediciones y Publicaciones Españolas.
- De Miguel, A. (2000). *Dos Generaciones de Jóvenes, 1960-1998*. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.
- De Miguel, A. (1992). *La Sociedad Española, 1992-1993*. Madrid: Alianza Editorial.
- Durán Vázquez, J.F. (2021). *La integración del sujeto moderno. Entre la liberación y la inclusión. Un relato de arraigos y desarraigos*. Madrid: Dykinson.
- Durán Vázquez, J.F., & Duque, E. (2019). *Las transformaciones de la educación. De la tradición a la modernidad hasta la incertidumbre actual*. Madrid: Dykinson.
- Elzo, J. (2006). Valores e identidades de los jóvenes. In P. González Blasco (dir.). *Jóvenes Españoles 2005* (pp. 3-110). Madrid, Fundación SM.
- Elzo, J. (1999). Reflexiones finales. In J. Elzo (coord.): *Jóvenes Españoles 99* (pp. 401-403). Madrid: Fundación SM.
- Ferreira, P. A. (1993). *Valores dos Jovens Portugueses nos Anos 80*. Lisboa Instituto de Ciências Sociais/Instituto da Juventude.
- Funes, M. J. (2008). Cultura, Política y Sociedad, Vol. 4 de *Injuve, Informe Juventud en España 2008*. Madrid: Injuve.
- González-Anleo Sánchez, J. M. (2006). Relaciones e integración. In P. González Blasco (dir.). *Jóvenes Españoles 2005* (pp. 111-184). Madrid: Fundación SM.
- González-Anleo Sánchez, J.M. (2010). Los valores de los jóvenes y su integración socio-política. In J. González-Anleo & P. González Blasco. (coords.). *Jóvenes españoles 2010* (pp. 9-114). Madrid: Fundación SM.
- González-Anleo, J., & González Blasco, P. (coords.) (2010). *Jóvenes Españoles 2010*. Madrid: Fundación SM.
- González-Anleo, J. (1999). Familia y escuela en la socialización de los jóvenes españoles. In J. Elzo (coord.). *Jóvenes Españoles 99* (pp. 121-182). Madrid: Fundación SM.

- González Blasco, P. (1999). Relaciones sociales y espacios vivenciales. In J. Elzo (coord.). *Jóvenes Españoles 99* (pp. 183-262). Madrid: Fundación SM.
- González Blasco, P. (1994). Los jóvenes y su identidad. In J. Elzo (dir.). *Jóvenes Españoles 94* (pp. 25-88). Madrid: Fundación SM.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2003). *Transições Incertas. Os Jovens perante o Trabalho e a Família*. Lisboa: CIES.
- ICS (Instituto de Ciências Sociais) (1987). *A Juventude Portuguesa. Situações, Problemas e aspirações*. Lisboa: ICS.
- INE (Instituto Nacional de Estatística) (1960). *X Recenseamento Geral da População, 1960*. Tomo III, vol. 2º. Lisboa: INE.
- Leccardi, C., & Feixa, C. (2011). El concepto de generación en las teorías sobre la juventud. *Última Década*, 34, Junio, pp. 11-32.
- Lévi G., & Schmitt, J. C. (eds.). (1996). *Histoire des Jeunes en Occident* (2 vols.). París: Editions du Seuil.
- López Ruíz, J. A. (2006). Ocio y tiempo libre. In P. González Blasco (dir.). *Jóvenes Españoles 2005* (pp. 345-402). Madrid: Fundación SM.
- Margulis, M., & Urresti, M. (1996). La juventud es más que una palabra. In M. Margulis: *La Juventud es Más que una palabra. Ensayos sobre Cultura y Juventud* (pp. 13-30). Buenos Aires: Biblos.
- Martín Criado, E. (1998). *Producir la Juventud. Crítica de la Sociología de la Juventud*. Madrid: Istmo.
- Martín Escudero, M. (1994). *Estudio y trabajo*. In M. Martín Serrano (dir.). *Historia de los cambios de Mentalidades de los Jóvenes entre 1960-1990* (pp. 129-169). Madrid: Injuve.
- Martín Serrano, M. (dir.) (1994). *Historia de los Cambios de Mentalidades de los Jóvenes entre 1960-1990*. Madrid: Injuve.
- Muñoz Carrión, A. (2010). El tiempo subjetivo de los jóvenes: hacia un régimen de la inmediatez. In J. C. Mingote & M. Requena (orgs.). *El Malestar de los Jóvenes. Contextos, Raíces y Experiencias* (pp. 67-98). Madrid: Ediciones Díaz de Santos.
- Muñoz Carrión, A. (1994). Aspiraciones y objetivos existenciales. In M. Serrano (dir.): *Historia de los Cambios de Mentalidades de los Jóvenes entre 1960-1990* (pp. 207-220). Madrid: Injuve.
- Nilsen, A. (1998). Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajetos de vida. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, pp. 59-78.
- Nunes, A. S. (1968). População universitária portuguesa: análise preliminar. *Análise Social*, VI (22-24), pp. 295-385.
- Pais, J. M. (1996). Levantamento bibliográfico de pesquisas sobre a juventude Portuguesa. Tradições e mudanças (1985-1995). *Sociologia, Problemas e Práticas*, 21, pp. 197-221.
- Pais, J. M. (2003). The multiple faces of the future in the labyrinth of life. *Journal of Youth Studies*, 6 (2), pp. 115-126.
- Pais, J. M. (1989). *Juventude Portuguesa. Situações, Problemas, Aspirações. A Convivialidade e a relação com os outros*. Lisboa: Instituto da Juventude e Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Pappámikail, L. (2011). Juventude entre a fase da vida e tempo de viver. In A. Nunes de Almeida (coord.). *Historia da Vida Privada*, Vol. 4 (pp. 208-241). Lisboa: Temas & Debates.
- Pappámikail, L. (2005). Sentidos de la edad adulta: juventud y cambio social en el Portugal contemporáneo. *Revista de Estudios de Juventud*, 71, pp. 43-55.
- Rocha, E. (1977). Portugal, anos 60: crescimento económico acelerado e papel das relações com as colónias. *Análise Social*, XIII (51), pp. 593-617.

- Schmidt, L. (1990). Jovens: família, dinheiro, autonomia. *Análise social*, XXV (108-109), pp. 645-673.
- Smithson, J.; Lewis, S., & Guerreiro, M. (1998). Percepções dos jovens sobre a insegurança no emprego e suas implicações no trabalho e na vida familiar. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 27, pp. 97-113.
- Veira, J. L., & Muñoz Goy, C. (2004). Valores y actitudes del trabajo en Europa Occidental. *RES*, 4, pp. 51-66.
- Velarde, O. (1994). Los valores en torno a la familia y a la sexualidad. In M. Serrano. (dir.). *Historia de los Cambios de Mentalidades de los Jóvenes entre 1960-1990* (pp. 99-126). Madrid: Injuve.